

5.º

**congresso
do
algarve**

1988

20-23jan.



José Carlos Vilhena Mesquita

Quando se fala de património cultural no Algarve há uma natural propensão para se falar dos imponentes marcos arquitectónicos que a história nos legou ao longo dos últimos séculos. Talvez por isso não se tenha estudado, com a profundidade que se impunha, o edifício e a utilização artística do vetusto Teatro Lethes. Mas um trabalho dessa envergadura não se compadece, obviamente, com a exiguidade do espaço que por agora nos está destinado. Nestas circunstâncias, apenas tornaremos públicos alguns elementos sintetisadamente coligidos, com os quais se poderá abrir caminho para um estudo mais desenvolvido.

O edifício que hoje se conhece por Teatro Lethes começou por ser uma escola de Jesuítas, fundada pelo Bispo do Algarve D. Fernando Martins Mascarenhas e oficialmente reconhecida por Filipe II a 8-2-1599. Chamava-se **Colégio de Santiago Maior de Faro**, destinava-se ao ensino das letras e estabeleceu-se num edifício amplo e de fértil horta que o Prelado mandara restaurar após o saque efectuado pelas tropas do Duque de Essex em 1596. Abriu as suas portas a 26 de Setembro de 1599, subordinava-se à invocação de Santiago e tinha como Superior o irmão do Bispo, P. Nuno de Mascarenhas.

Com o despotismo pombalino foi banida a Ordem e o Colégio de Faro encerrado pouco depois de 1759. Vinte anos depois foi entregue aos padres Marianos ou Carmelitas Calçados, que em Faro possuíam já um hospício no mesmo edifício onde hoje se acha sediado o Montepio dos Artistas. Mas aos padres Marianos também a sorte não os favoreceu, pois que durante a ocupação de Junot serviu o Colégio de alojamento aos soldados franceses e de prisão a alguns exaltados patriotas. Pouco depois, em 1834, decretava-se a extinção das Ordens Religiosas. Os bens da Igreja foram alienandos e em Faro almoedaram-se os 4 Conventos então existentes. A bela capela do Colégio viu-se então espoliada das suas alfaias, paramentos e imagens, que foram distribuídas pelos templos da cidade. Aos três sinos que possuía deu-se-lhe o mesmo destino. Finava-se, assim, um lugar sagrado para que do mesmo chão despontasse um profano templo votado à arte de Talma.

A Fundação do Teatro Lethes

Em 1843 foi o Colégio arrematado em hasta-pública pelo Dr.Lázaro Doglioni, cifrando-se a transacção em cerca de 3.500\$00,tendo sido previamente avaliado em dois contos de réis. Mas já que falamos no Dr.Lázaro Doglioni,como fundador do Teatro Lethes, convirá esboçar alguns dados biográficos. Nasceu em Veneza a 8-8-1778,formou-se em medicina pela Universidade de Pavia e quando se deslocava a Inglaterra naufragou junto ao Cabo de Stª Maria, recolhendo-se então na protecção do Consul de Veneza,D.Damião de Lemos Freire,que o ajudou a refazer a vida. Pouco depois casou-se com a filha do consul inglês,Guilherme Barr Crispin, que se dedicava à exportação de frutos secos para a Grã-Bretanha. Com este enlace tornou-se herdeiro de uma das maiores fortunas do Algarve. Uma das irmãs do Dr.Doglioni,de seu nome Maria Antónia,viria aconsorciar-se,na Igreja da Misericórdia de Faro,com o Dr.Gianpaulo Cúmano,director do Hospital de Trieste, cujos filhos Constantino e Justino viriam mais tarde a radicar-se nesta cidade. O Dr.Doglioni naturalizou-se português e gozou de grande prestígio na sociedade farense. para seu gaudio e satisfação das paixões artísticas do sobrinho, Dr.Justino Cúmano,que entretanto emigrara para Faro, mandou erigir um Teatro em cujo pórtico inscreveu a máxima **Monet Oblectando** (Instruir Divertindo), dando-lhe o nome de **Lethes**, com o qual pretendia simbolizar o olvido em que deveriam permanecer as dissensões políticas que arruinaram o país e dividiram a nação. O Dr.Doglioni faleceu a 7-11-1858, legando a fortuna ao sobrinho, Dr.Justino Cúmano, notável clínico,grande benemérito e protector das Artes.

As obras de restauro prolongaram-se de 1843 a 1845 e orçaram em doze contos de réis. A capela do antigo Colégio transformou-se em sala de espectáculos. No lugar do altar-mór ficava a "Sala Verde" do Teatro e no coro da igreja,que se situava junto à frontaria, se erigiu o palco. Da demolição da capela e arranjo do Teatro se encarregou o pedreiro José Fernandes Pinto, acolitado pelo carpinteiro e ex-frade José Prudêncio,a quem o vulgo chamava "José da Máxima".

A inauguração efectuou-se a 4-4-1845 por ser data de aniversário da Rainha D.Maria II,facto que se deixou assinalado pela declamação de uma extensa poesia da autoria de Marçal Henriquê de Azevedo e Silva Lobo de Aboim, após o que se iniciou a peça O Almansor Aben-Afan, ultimo Rei do Algarve, publicada por José Freire de Serpa Pimentel poucos anos antes. Também na mesma noite se representaria a farsa,traduzido do francês "O Urso e o Pachá". A sala,magnificamente decorada,possuía uma plateia para 215 espectadores,51 camarotes de seis

lugares e ainda uma varanda com capacidade para 100 pessoas. O Lethes transformava-se, assim, num verdadeiro Centro Cultural do Algarve, no qual se reunia a elite da sociedade fareense. A sua época aurea decorreu entre 1860 e 1882, sob a direcção do Dr. Justino Cúmano, que elevou o teatro a um nível invejável, vestindo os actores no maior luxo, enriquecendo a cena com os mais requintados adereços e mantendo uma orquestra com 30 a 40 elementos. A cadência dos espectáculos era quinzenal e nele foram representados com assinalável êxito várias peças, como por exemplo, "Frei Luis de Sousa", "A Grã-Duquesa de Gerolstein", "Alfageme de Santarém", "A Morgadinha de Val Flôr", "Barba Azul", "Vida dum Rapaz Pobre", "Amar sem Conhecer", "Marina", "Diamantes da Corôa", "Vale de Andorra", etc. Saliente-se que no palco do Lethes trabalharam vários artistas amadores e profissionais, lembrando que aqui se estreou a famosa Teresa Aço (natural de Silves), que viria a sagrar-se como uma das maiores actrizes de opereta em Portugal. De entre os amadores aqui radicados é de justiça que se destaquem os nomes de José Joaquim Peres, Francisco Constantino Pereira de Matos, António Bernardo da Cruz, Maria Amélia Macedo, Maria do Carmo Santinho, Ana Amélia da Luz, Albertina Reis, Francisco da Silva Santos, Francisco António da Fonseca, João dos Reis Lopes Stromp, Francisco Dâmaso Tavares Belo e seus dois irmãos António e João, António Pedro Mascarenhas, e tantos outros. De entre os que mais tarde abraçaram o profissionalismo recordemos apenas os nomes mais consagrados de Sarzedas, César Pola e António Mendes Leal, os quais também foram ensaiadores no Lethes juntamente com António Alexandre Pereira Pinto, José Vaz Palma, José Bicker de Andrade, João Diogo Frederico Crispin, António Tavares Neves e outros. Quanto aos maestros que alcançaram maior prestígio há que distinguir os nomes de João Bicker, António Alexandre Pereira Pinto, José Vaz Palma e António Viegas Pinto. Pertenceram ainda ao leque dos velhos servidores do Lethes o contra-regra João Veiga, o ponto António José Sequeira, o aderecista José Baptista Antunes e o senógrafo José Filipe Porfírio, que foi igualmente o primeiro porteiro do Teatro.

Após o falecimento do Dr. Justino Cúmano, ocorrido em 31-3-1885, a ostentação dos espectáculos decaiu um pouco. A responsabilidade da direcção do Teatro recaiu então no seu cunhado, Francisco Constantino Freire Pereira de Matos, cujas portas passaram a ser franqueadas a grupos de amadores que não faziam escola na velha companhia do Lethes. Não obstante, pode dizer-se que os êxitos então alcançados arrebataram a sociedade fareense, especialmente a partir de 1892 com as peças "Santo António" e com a reposição de "A Grã-Duquesa de Gerolstein", nas quais to-

maram parte os irmãos Inácio e Cirilo Tavares Bello, Paula Santos, João Gomes Relego Arouca, Damião Pantoja, o maestro António Neves e o encenador Manuel José Sanches. Convirá também lembrar que no declinar do século passaram pelo Lethes várias companhias profissionais vindas de Lisboa e até de Espanha, sem esquecer, porém, algumas operetas e concertos, que tiveram como principais figuras os músicos Viana da Mota, Capiani, Oscar da Silva e a cantora Salud Otan Rosa.

A era do Animatógrafo

Mas a 11-9-1898 exhibia-se pela primeira vez em Faro o chamado animatógrafo, tendo-se então instalado no Teatro Lethes por ser o mais amplo e distinto espaço cultural da cidade. A nata da burguesia fareense encheu a sala para apreciar o novo invento. Realizaram-se duas sessões, após o que partiu em digressão por Loulé, Albufeira e Tavira. O aparelho, que a esta província veio trazer a novidade da 7ª arte, pertencia ao Real Coliseu de Lisboa e ao que parece causou grande espanto e admiração aos algarvios. Em breve se generalizava a curiosidade do animatógrafo, a cujos espectáculos acorrião cidadãos de todas as classes, especialmente pelo baixo preço dos ingressos e pela simplicidade das imagens animadas, que a princípio se limitavam a reproduzir cenas do quotidiano. O animatógrafo simbolizava o progresso e depressa se tornaria num chorudo negócio. Construíram-se então novas casas de espectáculos especialmente vocacionadas para as exhibições cinematográficas, algumas das quais improvisadas em baracções de madeira.

Apesar de tudo, o Teatro Lethes resistia estoicamente à voracidade da moda, alicerçado desde a primeira hora no mecenato da burguesia citadina, que canalizava as receitas dos espectáculos para os cofres da Misericórdia. Foi este sentido de benemerência que manteve sempre acesa a chama cultural do Teatro Lethes, contra os seus mais directos concorrentes, especialmente o Teatro 1º de Dezembro, fundado pelo Barão da Ponte de Marzil a 1-12-1874.

Em 1901, devido ao falecimento de Francisco Constantino Freire Pereira de Matos, voltou o teatro à posse de D. Maria Victória Matos Cúmamo, viúva do Dr. Justino Cúmamo, a alma mater da arte dramática na cidade de Faro. A sala foi encerrada iniciando-se as obras de restauro em 1906, sob a orientação de João Coelho Pereira de Matos e do pintor José Filipe Porfírio, concluindo-se os trabalhos a 21 de Abril de 1908. O teatro reabriu, estava esplendoroso, possuía uma

acústica perfeita, confortável plateia, quatro ordens de camarotes (mais dois do que anteriormente) com varandins de ferro forjado, tectos pintados representando cenas de música e um pano de boca com magnífica paisagem bucólica, sendo tudo da autoria de José Filipe Porfírio. A burguesia farenses estava eufórica. Não existia coisa igual no país, dizia-se. Os antigos candieiros de petróleo e os candelabros de estearina foram surpreendentemente substituídos por um sistema especial de iluminação em acetilene, para o qual se construiu um gazómetro fabricado pela "Casa Riviére" de Lisboa, que muitas vezes o publicitou como o melhor do país.

As honras da estreia couberam à Companhia de teatro do Ginásio de Lisboa, dirigida pelo grande actor Valle, que nas quatro noites seguintes levou à cena as comédias "Sua Excelencia" de Gervásio Lobato, "O Cão e o Gato" de Acácio de Paiva e Ernesto Rodrigues, "O Papa Léguas" e o "Pinto Calçudo", para além das comédias em 1 acto "Creanças", "Ditosa Bufetada" e "Os Irmãos Peixotos". Do elenco fizeram parte os actores António Cardoso, Telmo Larcher, Augusto Machado, Henrique de Albuquerque, Barbara Volkart, Jesuína Marques, Jesuína Saraiva, Alda Soller, Virgínia e a jovem Thyrese, dirigindo a orquestra o maestro Rebelo Neves. A partir daqui renascia, pela última vez, o Teatro Lethes, abrindo as portas a inúmeras companhias profissionais do país e do estrangeiro. Grandes nomes da ribalta aqui se fizeram aplaudir, com especial destaque para os de Adelina Abranches, Aura Abranches, Teodoro Santos, Chaby Pinheiro, Angela Pinto, Augusto e Lucinda Cordeiro, Ernesto Valle e tantos outros, sem esquecer a companhia de Italia Vitaliani que veio de Roma para actuar nas melhores salas do nosso país.

Pontualmente e tal como hoje, o Teatro servia para acções de beneficência social, a cujas sessões o público correspondia em massa, numa verdadeira onda de solidariedade. Importa, por isso, lembrar entre os muitos exemplos possíveis, a realização da peça "D. Beltrão de Figueiroa", representada em 1909, a favor das vítimas do Terramoto de Messines; mais tarde, "Os Peraltas e Sécias" em benefício do Sanatório de Alportel; "O Burro do Senhor Alcaide", representada já na sala do Cine Teatro Farense pelos amadores locais a favor do Hospital, etc, etc...

Mas em 1920 falecia D. Maria Victória de Matos Cúmano e mais uma vez o Teatro encerrava em sinal de luto. Só que a partir daqui nada voltaria a ser como dantes, adivinhando-se já o canto do cisne. O cinema estava na ordem do dia e tornava-se cada vez mais um corrente praticamente imbatível, por outro

lado escasseavam já à Família Cúmano os recursos e a disponibilidade para manter um teatro com imponência e a qualidade artística do Lethes. Mesmo assim, em 1922, Constantino Cúmano tentou reavivar a Sociedade Teatral de Faro (que os seus progenitores ajudaram a fundar) através da cedência do Teatro Lethes para a representação de peças ensaiadas pelos amadores locais e ainda para a realização de concertos musicais. Todavia, e muito embora se tenham levado à cena algumas peças que a crítica da época acolheu com agrado, o certo é que em 1925 o Teatro Lethes encerrava novamente as suas portas. Dois anos depois, a 16-2-1927, a Empresa Revez e Pádua estabeleceu com a Família Cúmano um contrato de exploração para a exibição cinematográfica, tentativa essa que fracassaria 3 meses mais tarde. Em 1931, o sr. Jaime Pires, grande impulsionador da secção de teatro do Sport Lisboa e Faro, celebrou com o Dr. Constantino Cúmano um contracto de aluguer do Teatro Lethes, mantendo-o assim em esporádica actividade até 1949. Nessa altura o seu estado de conservação era já confrangedor. E por incrível que pareça as imprescindíveis obras de restauro tiveram que se aguardar por mais de trinta anos. Em 22-6-1951, a Família Cúmano vendeu o vetusto imóvel à Cruz Vermelha, suponho que pela razoável importância de 350 contos, em cuja posse ainda hoje se mantém, nele funcionando desde 16 de Outubro de 1972 o Conservatório de Música do Algarve. Presentemente, o Teatro Lethes está alugado à Secretaria de Estado da Cultura, cuja Delegação de Faro o tem cedido graciosamente para a apresentação de peças teatrais, concertos musicais, espectáculos de ballet, sessões de cine-club e outras manifestações de carácter cultural.

Ao fim e ao cabo, podemos dizer que desde a sua fundação o Teatro Lethes dependeu exclusivamente da Família Cúmano, que com a sua manutenção delapidou o maior quinhão da sua avultada fortuna. O desgaste do tempo e as vicissitudes da vida arrastaram consigo a extinção da mais antiga instituição cultural da cidade de Faro. Por isso podemos afirmar que neste século o Teatro Lethes esteve imperdoavelmente inactivo durante mais de cinquenta anos, o que, se por um lado espelha a decadência das grandes famílias também, por outro, vem demonstrar o desinteresse e o fraco nível cultural da sociedade fareense do nosso tempo. Os serões teatrais de outrora passaram à história e as famílias de hoje deleitam-se com qualquer telenovela brasileira. E deste modo envelhece a cultura e maléficamente se instala a estupidez.